



Dois Dedos de PROSA

Edição Especial - Dia Mundial da Alimentação - Recife/PE - Outubro/2020

O QUE DE FATO NOS
ALIMENTA?



WWW.CENTROSABIA.ORG.BR

**COMIDA DE
VERDADE
TRANSFORMA**

Campanha do Centro Sabiá engaja sociedade civil a participar de diversas ações para garantir comida sem veneno no campo e na cidade. A organização e o empoderamento das mulheres é parte essencial dessa mobilização. Saiba como participar!

Confira nas páginas 6 a 9

O urbano também é
agroecológico

Saiba mais na página 3

Desafios camponeses na
crise de alimentos

Saiba mais nas páginas 4 e 5

Mulheres resistem no campo
e na cidade

Saiba mais na página 10

Fome de Alimento e de Justiça Socioambiental

Por Alexandre Pires, coordenador geral do Centro Sabiá

Esta edição especial do Jornal Dois Dedos de Prosa traz uma série de matérias, entrevistas e informações sobre a crise alimentar que vivemos no Brasil e a ameaça ao Direito Humano e Constitucional à Alimentação. Esta edição celebra o Dia Mundial da Alimentação reafirmando a importância da luta em defesa do Direito Humano à Alimentação Adequada e Saudável.

Momento em que dados do IBGE mostram que em 2018 o Brasil volta ao Mapa da Fome da ONU, pelas ruas e periferias das cidades se ampliam os números de pessoas em situação de fome, como resultado da desconstrução das políticas de seguridade social, de segurança alimentar e de proteção à população, colocando em insegurança o direito constitucional à alimentação adequada e saudável. O DDP mostra a importância e os limites para o acesso e a produção de alimentos saudáveis nas cidades e o papel da agroecologia nesse campo.

Também poderemos nos debruçar sobre uma leitura do contexto nacional e internacional gerado pela crise política e sanitária que têm desencadeado consequências que afetam de forma direta os trabalhadores e trabalhadoras, como o risco de desabastecimento, alta dos preços dos alimentos, avanço do agronegócio e redução das políticas de apoio e proteção aos camponeses e camponesas. Reafirmando a agroecologia e a reforma agrária como caminhos fundamentais para pensar e construir o pós-pandemia.

O contexto de violência contra as mulheres, o aumento das pessoas em situação de insegurança alimentar no Brasil e o aumento do uso de agrotóxicos tem gerado grande preocupação para o Centro Sabiá. Desde sua fundação em 1993, o Centro tem o combate a fome e às desigualdades como situações-problemas a serem enfrentados na sociedade. O último período tem sido de construção de um programa de mobilização de pessoas que possam apoiar financeiramente iniciativas que contribuam para o trabalho que gera empoderamento político e econômico para as mulheres, o acesso a alimentação saudável, sobretudo com ações de agricultura urbana, e o combate ao uso de agrotóxicos que contaminam as pessoas por meio dos alimentos e das águas. A matéria central do DDP apresenta as motivações para esse programa e a campanha que pretende mobilizar doadores para essas pautas tão importantes para nossa sociedade.

Vários estudos e pesquisas mostram que as mulheres vêm cumprindo um importante papel na estrutura social e familiar que é o do abastecimento alimentar. Seja por meio das atividades produtivas ou de cuidados, elas são as principais responsáveis pela segurança alimentar e nutricional de suas famílias. O DDP mostra que diante de um contexto de crises econômica, ambiental, sanitária e alimentar, as mulheres urbanas e rurais enfrentam grandes desafios para garantir a manutenção de suas vidas, diante de tantas formas de violência que passam sem a devida proteção do Estado, bem como suas experiências e estratégias para garantir a manutenção de suas famílias.

Por fim, esta edição mostra o papel dos Sistemas Agroflorestais, pela fala de agricultores, como eficiente estratégia para enfrentamento à crise climática e alimentar, garantindo a produção sustentável de alimentos, a recuperação de áreas degradadas e a geração de renda. E poderia dizer ainda com importante papel para enfrentamento às mudanças climáticas.

Destacando como tem sido importante o trabalho de assessoramento das juventudes camponesas numa perspectiva agroecológica, ressignificando seu papel no meio rural para a produção e a geração de renda a partir de diversas estratégias de construção social dos mercados.

Os tempos nos anunciam a necessidade de mobilização e de cuidados, reafirmando o papel e a importância da agroecologia como abordagem mobilizadora e construtora de caminhos para um novo normal, e o período eleitoral é fundamental para garantir essa reflexão localmente. Aproveitem a leitura!

Apoio: **MISEREOR**
IHR HILFSWERK

Parcerias: **ASA** Articulação
Semiárido Brasileiro*



Abong ORGANIZAÇÕES EM DEFESA
DOS DIREITOS E BENS COMUNS

PLATAFORMA
Semiáridos
AMÉRICA LATINA



Dois Dedos de Prosa é uma publicação do Centro de Desenvolvimento Agroecológico Sabiá. Rua do Sossego, 355, Santo Amaro, Recife/PE – CEP: 50100.150 – Fone: (81) 3223.7026 e(81) 3223.3323 – E-mail: sabia@centrosabia.org.br – www.centrosabia.org.br – DIRETORIA - Presidenta: Edna Maria do Nascimento Silva. Vice-presidenta: Sônia Lucia Lucena Sousa de Andrade. Secretária: Joana Santos Pereira. Conselho Fiscal: Alaíde Martins dos Santos, Maria Verônica de Santana e Tone Cristiano Feliciano da Silva. COORDENAÇÃO COLEGIADA - Coordenador Geral: Alexandre Henrique Bezerra Pires. Coordenador Técnico Pedagógico: Carlos Magno de Medeiros Moraes. Coordenadora Administrativo Financeira: Vânia Luiza Silva e Silva. EQUIPE TÉCNICA NOS TERRITÓRIOS: Gideão Patrício, Juliana Peixoto, Maria Edineide, Nicléia Nogueira, Orlando Santana, Raimundo Daldemberg, Rivaneide Almeida. EQUIPE ADMINISTRATIVO FINANCEIRA: Demetrius Falcão, Iran Severino, Jullyana Lucena, Natália Porfírio e Pedro Eugênio. NÚCLEO DE COMUNICAÇÃO: Darliton Silva, Rosa Sampaio e João Lucas França (Estagiário). EDIÇÃO: Mariana Reis (DRT/PE – 3899). NÚCLEO DE MOBILIZAÇÃO DE RECURSOS: Maria Cristina Aureliano de Melo. ASSESSORIAS: Aniérica Almeida (Agricultura Urbana), Davi Fantuzzi (Construção Social de Mercados) e Janaina Ferraz(Juventudes). O Trabalho do Centro Sabiá também recebe apoio das seguintes organizações: Misereor/KZE, Terre des Hommes Schweiz, Cáritas Alemã, BNDES, Agência Nacional de Assistência Técnica e Extensão Rural (ANATER). PROJETO GRÁFICO: Alberto Saulo. DIAGRAMAÇÃO: Thiago Almeida. IMPRESSÃO: MXM Gráfica. TIRAGEM: 5000 (cinco mil) exemplares.





Iniciativa da Rede de Bancos Populares de Alimentos

ALIMENTOS AGROECOLÓGICOS MOVIMENTAM CENTROS E PERIFERIAS URBANAS

Por Mariana Reis, comunicadora

O Brasil voltou ao Mapa da Fome, da ONU, em 2018, e a pandemia do novo Coronavírus (Covid-19) em contexto global agravou ainda mais a situação neste ano, atingindo campo e cidade. Nessa conjuntura, é preciso garantir o direito humano à alimentação, que prevê não só poder se alimentar, mas acessar alimentos saudáveis – ficando fora da lista, assim, os alimentos contaminados de agrotóxicos que na maioria das vezes chega às mesas dos brasileiros. Se, para quem vive no campo, plantar a sua própria comida pode ser uma alternativa de mais saúde e sustentabilidade, por meio da agricultura familiar e agroecológica, os dilemas de quem vive nas áreas urbanas podem ser ainda maiores em relação ao acesso aos alimentos – tanto pela baixa qualidade nutricional do que se come, como também devido à alta de preços dos produtos alimentícios, resultado da crise econômica que já precedia as crises sanitária

e alimentar potencializadas pela pandemia.

Solidariedade – Com a falta de políticas públicas na área, movimentos e organizações do campo têm tecido redes de solidariedade para minimizar os efeitos da escassez de alimentos. Uma dessas iniciativas foi a Campanha Mãos Solidárias, com a doação de refeições no Armazém do Campo, do MST, na capital, e com a distribuição de cestas agroecológicas produzidas por comunidades das Zonas da Mata Sul e dos Sertões do Pajeú e do Araripe em Pernambuco. O projeto beneficiou tanto famílias de bairros da Região Metropolitana do Recife como cerca de 200 agricultores e agricultoras familiares que puderam escoar a produção de alimentos em plena pandemia, a partir da aquisição dessas cestas por meio das contribuições financeiras da sociedade civil. Isso minimizou também os efeitos econômicos das poucas vendas realizadas pelas famílias no período em que

as feiras agroecológicas não puderam funcionar.

Mais recentemente, no último mês de agosto, e já como um desdobramento da campanha, surge a Rede de Bancos Populares de Alimentos, cujo Banco Mãe fica sediado no Armazém do Campo, no Centro do Recife. Ali passa a ser a base para o recebimento de doações de pessoas físicas e jurídicas, para posterior entrega nos bancos situados nos territórios em situação de vulnerabilidade social. “São vários os movimentos que os agricultores e suas organizações têm feito de doar alimentos, contribuindo para que as pessoas das cidades que mais precisam também tenham acesso a alimentos sustentáveis”, afirma Alexandre Pires, coordenador geral do Centro Sabiá.

Conheça e apoie a campanha **Mãos Solidárias: campanhamaossolidarias.org**



CRISE ALIMENTAR E OS DESAFIOS CAMPONESES



Foto: Ana Lira / Acervo Centro Sabiá

Crise alimentar pode ser agravada pela pandemia

Se o Campo não planta, a cidade não janta!

Por Jaime Amorim, da Direção Nacional do MST

Vivemos hoje, no Brasil, um conjunto de crises que vão se agravando, na medida em que a pandemia do coronavírus vai se prolongando: estamos vivendo uma crise econômica, que é anterior a pandemia do novo coronavírus, é uma crise estrutural do sistema capitalista, portanto ela vai se agravar durante a pandemia, e possivelmente vamos viver tempos de aprofundamento desta crise, em um período pós-pandemia. Estamos vivenciando uma crise política, desde o golpe contra a democracia no Brasil em 2016. Esta crise se aprofunda neste momento. Pela postura do governo que não consegue dar respostas para a maioria dos problemas e tem tomado cada vez mais uma postura de aliança com uma parte da sociedade mais conservadora, reacionária de ideologia neofascista.

Paralelamente, convivemos com uma crise ambiental profunda, em que a burguesia agrária se aproveita deste momento, com apoio do governo, para avançar contra as reservas ambientais, contra as áreas indígenas e em especial contra a Amazônia e o Cerrado. Somado a isso, a crise sanitária provocada pela pandemia. Já perdemos no Brasil mais de 146 mil pessoas, em consequência dessa irresponsabilidade do governo federal, que preferiu defender o mercado a salvar vidas. Um governo que é capaz de colocar o capital e o mercado acima da defesa da vida dos 212 milhões de brasileiro.

Em consequência destas políticas, vamos viver uma crise da escassez da alimentação. Esta crise é de responsabilidade direta do governo federal, que em tempos de crise

econômica, prevendo-se que poderíamos passar uma crise alimentar, liberou a exportação dos nossos estoques de alimentação, principalmente produtos alimentícios que tiveram uma elevação de quase 80% no volume exportado em 2020. O arroz é exemplo dessa política, o Brasil exportou quase todo o estoque. Sendo que a próxima safra só inicia a colheita em janeiro de 2021. Isso levará os preços do produto no mercado nacional a subir substancialmente e, em alguns casos, até a faltar, mesmo que o Brasil importe arroz no mercado internacional. O governo é diretamente responsável pela crise da alimentação, por não termos um estoque regulador interno e por dismantelar as políticas de comercialização e a Conab.



No mundo, há risco eminente de escassez de alimentos, de vivermos uma crise alimentar a nível global. A agressividade do capital através das grandes corporações multinacionais poderá nos levar a uma crise na distribuição de alimentação no mundo. Tudo depende do tempo que perdurar a pandemia e a necessidade de isolamento para impedir a expansão do vírus. O problema não é a falta de alimento, mas é possível, que, em algum momento, as grandes empresas capitalistas que dominam o mercado do alimento no mundo, como forma de pressionar o fim do isolamento, defendido e sancionado pela maioria dos governantes, possam promover boicote ou bloqueio na distribuição da alimentação, interferindo no mercado, na distribuição e no preço. Barganhando alteração nas negociações internacionais, forçando mudanças no processo (da lógica atual) de comercialização e distribuição da produção de alimentos no mundo, privilegiando as nações mais ricas e limitando para alguns determinados países mais pobres a exportação de alimentos. A tarefa de armazenamento estratégico e controle do estoque de alimento agora é do mercado, a serviço do capital e a grande maioria dos armazéns de estoques estratégicos foram

privatizados. O alimento sagrado, que deveria cumprir as definições da ONU de “segurança alimentar”, passa a ser negociado nas bolsas de valores, alimentos são negociados como commodities. Isso tudo, se o estado de pandemia perdurar, poderá ser uma possibilidade de vivermos uma crise de falta de alimento no mundo aumentando a fome, a miséria e o caos social. Campo fértil para propagação do novo coronavírus, além de outras doenças e guerras.

O CORONAVÍRUS TEM
TRAZIDO CONSIGO,
NO SEU CONTEXTO,
A NECESSIDADE DA
AGROECOLOGIA COMO
UM DESAFIO DO
CONJUNTO DA
SOCIEDADE PARA
MELHORAR A
QUALIDADE DE VIDA

Na luta camponesa, uma palavra de ordem que pode resumir a tarefa prática como desafio dos camponeses e camponesas em todo mundo: “Se o campo não planta, a cidade não janta”. O coronavírus tem trazido consigo, no seu contexto, a necessidade da Agroecologia como um desafio do conjunto da sociedade para melhorar a qualidade de vida, fortalecer a resistência e imunidade do corpo humano. Melhorar qualidade do alimento e da alimentação que a população consome é um desafio urgente desta geração, temos que deixar como herança para as futuras gerações um novo modelo de produção agrícola, sem agrotóxico e insumos químicos em tempos de coronavírus para garantir o futuro da humanidade e do planeta.

As bandeiras das lutas históricas da Reforma Agrária passam a ser atuais, urgentes e necessárias. Uma Reforma Agrária ampla, popular e integral que resolva definitivamente o problema da concentração da terra, deixando para a história o mal do latifúndio e toda a sua estrutura de poder como resquício feudalista que se mantém a serviço do agronegócio.



Foto: Ana Lira / Acervo Centro Sabiá

Produção agroecológica, resposta para mais qualidade de vida



COMIDA DE VERDADE TRANSFORMA



Comida de verdade
transforma a economia
das famílias agricultoras

Agricultura urbana é uma das saídas contra a fome



Sem Fome

Comida de verdade

transforma a vida dos agricultores familiares

Com R\$ 1,00 por dia você ajuda famílias em situação de pobreza a combater a fome, orientando-as na produção de alimentos em pequenos espaços urbanos.

DOE
AGORA



Como forma de marcar o Dia Mundial da Alimentação, o Centro Sabiá dá início à sua nova campanha, Comida de Verdade Transforma. Por meio desta ação, a proposta é de enfrentamento ao problema da fome nas periferias do campo e da cidade, da contaminação dos alimentos e das desigualdades e violências contra as mulheres.

O ponto de partida é o próprio trabalho já realizado pelo Centro Sabiá, que tem natureza educativa e se baseia na Agroecologia, valorizando o modo de vida das comunidades camponesas, respeitando as suas culturas e saberes e promovendo a equidade e a autonomia das mulheres, das juventudes e das populações tradicionais (de agricultores, quilombolas e indígenas). A partir dos programas Sem Fome, Sem Veneno e Empoderar, convidamos a sociedade a se engajar com o Centro Sabiá nesse movimento de mudança. Saiba mais nesta e nas próximas páginas!

Segundo a ONU, 60 milhões de pessoas estão em situação de extrema pobreza e o maior impacto é na América Latina, com aumento de 269% de pessoas enfrentando “severa insegurança alimentar”, em sua maioria, nas cidades. Pesquisa recente do IBGE, divulgada no último mês de setembro, revelou que, em cinco anos, o Brasil aumentou em

cerca de 3 milhões o número de pessoas sem acesso à alimentação básica. Se cerca de 800 milhões de pessoas que vivem no mundo passam fome, estima-se que 400 milhões delas, ou seja, a metade, seja de agricultores e agricultoras, o que é muito grave, visto que são eles e elas que produzem nosso alimento.

Para muitas pessoas em situação de pobreza, desempregadas ou com trabalhos informais que vivem na periferia do Recife, o acesso às feiras agroecológicas não é uma realidade. Assim, o acesso à alimentação saudável passa por produzir seu próprio alimento. Desde 2016 o Sabiá desenvolve ações de agricultura urbana em comunidades periféricas do Recife como forma de enfrentar a fome, a subnutrição e má nutrição, situação agravada pela pandemia de Covid-19. No Programa Sem Fome, o Sabiá mobilizará e apoiará, com informações, técnicas e insumos, famílias e grupos de jovens e mulheres das comunidades urbanas para produzirem sua comida plantando alimentos (verduras, legumes, raízes e grãos) e também cultivando plantas medicinais. Neste programa, também serão realizadas atividades educativas sobre direitos, saúde e promoção da alimentação saudável mesmo com poucos recursos.



Foto: Acervo Centro Sabiá

Incentivo à produção agroecológica

Sem Veneno

Por menos de R\$ 4,00 por dia você ajuda famílias agricultoras do interior de Pernambuco a ampliarem sua produção sem agrotóxico e possibilita que seus produtos cheguem com preço justo na cidade.

De acordo com a Campanha Contra os Agrotóxicos, os brasileiros consomem em média sete litros de veneno por ano e essa ingestão acontece via consumo de alimentos e de água contaminados. É, de fato, um envenenamento, causando, em médio e longo prazo, diversos tipos de doenças, como intoxicações agudas, diversos tipos de câncer e até infertilidade. Além dos danos ao corpo humano, os impactos do uso de agrotóxicos se revelam também na destruição do meio ambiente, com a contaminação das águas, a degradação do meio ambiente (fauna e flora) e o desmatamento, pela opção por um modelo de agricultura predatória.

Na contramão desses dados, a comida agroecológica é o primeiro passo para o início de uma transformação que agrega

peças e meio ambiente para um futuro sustentável. Em tempos de pandemia de Covid-19, manter a imunidade em alta é uma preocupação das pessoas e a alimentação saudável é uma aliada de primeira hora. A imunidade depende da ingestão de várias vitaminas que estão presentes nas frutas, verduras, folhosas, grãos e castanhas e é importante que esses alimentos cheguem à mesa das pessoas com qualidade e produzidos sem veneno.

O Programa Comida sem Veneno apoia o trabalho das famílias agricultoras, que são as verdadeiras protagonistas da produção de alimentos sem agrotóxicos, adubos químicos e sementes transgênicas, afinal, 70% dos alimentos produzidos no Brasil vêm da Agricultura Familiar, segundo o Censo



Agropecuário de 2006. Este apoio acontece através do acompanhamento técnico no campo, com visitas às hortas, roçados, agroflorestas e criações dialogando sobre as práticas e cuidados que devem ser adotadas numa produção orgânica e, também, a partir de processos educativos como cursos, oficinas e intercâmbios. O programa tem como objetivo apoiar a ação de Agroecologia das famílias agricultoras que já produzem desta forma e incentivar outras famílias nesta mudança, ampliando a produção agroecológica e promovendo a cultura alimentar ancestral, saúde e segurança alimentar no campo e na cidade, com a comercialização nas feiras agroecológicas e em outros canais, gerando renda para as famílias agricultoras e abastecendo com comida de verdade as populações das cidades. O programa também envolve a construção de tecnologias sociais para a convivência com o Semiárido, que possibilitam às famílias agricultoras do Sertão e Agreste o acesso à água para produção de alimentos e para criação de animais. Este conjunto de ações acontece nas áreas rurais onde o Centro Sabiá atua nos biomas da Mata Atlântica e Caatinga.

Em po de rar

Com R\$ 2,00 por dia você ajuda mulheres agricultoras a superarem a violência doméstica, através de iniciativas para geração de renda e fortalecimento da sua autoestima.

SUA AJUDA
PODE MUDAR
ESTA HISTÓRIA



Nas estatísticas mundiais, as mulheres estão no centro das desigualdades. Em termos de Brasil, a pesquisa do IBGE revelada no mês passado informa que, além da fome ser mais prevalente no Nordeste do País e em municípios rurais, mais da metade dos domicílios onde há insegurança alimentar são chefiados por mulheres. Somado a isso, muitas mulheres do campo e da cidade dependem financeiramente dos maridos ou companheiros. A grande maioria não possui renda própria mesmo trabalhando no roçado diariamente e sofrem diversas formas de violências: patrimonial, psicológica, no ir e vir e também física. Na pandemia, a violência contra as mulheres e as desigualdades de gênero, raça e classe se intensificaram. O número de feminicídios e de registros de violência doméstica aumentaram no país, segundo dados do Fórum Brasileiro de Segurança Pública, divulgados em nota técnica no mês de abril. Além disso, são elas, em especial, as mulheres negras, a maioria nos trabalhos domésticos, informais e precários que foram aqueles mais afetados neste período.

O Centro Sabiá desenvolve ações específicas com mulheres do campo e da cidade, incluso mulheres negras e periféricas, buscando fortalecer a sua autoestima, sua autonomia financeira e a auto-organização das mesmas em grupos e coletivos. Essa é a estratégia do Centro Sabiá para o enfrentamento ao machismo. O Programa Empoderar apoia a produção e comercialização dos grupos de mulheres visando a geração de renda e a redução da pobreza entre elas, além de realizar atividades de acolhimento, escuta, autocuidado, formação e fortalecimento da auto-organização das mulheres.



Comida de verdade
transforma o mundo.

Como se engajar?



Sem fome e sem insegurança alimentar



Empoderar mulheres é meta da campanha

Entendemos que cada um e cada uma pode se engajar para transformar o mundo para melhor, mesmo nas pequenas ações do cotidiano. Você pode participar de diversas formas da nossa campanha. Uma das formas de apoiar é a partir de contribuição financeira. Sua doação pode ajudar a impactar e a melhorar a qualidade de vida de muitas famílias do campo e da cidade.

DOE E
TRANSFORME
VIDAS



Você também pode ser parte do nosso time de engajamento nas redes sociais, curtindo, comentando e compartilhando os conteúdos sobre a campanha com seus amigos, amigas e familiares.

Conheça mais sobre a nossa campanha
comidadeverdadetransforma.org.br

AGRICULTORAS EXERCEM PAPEL FUNDAMENTAL NA CRISE SANITÁRIA E ALIMENTAR DO BRASIL

Por Rosa Sampaio, comunicadora do Centro Sabiá



Mulheres da Comunidade Palha do Arroz

Números da ONU/FAO mostram que a Covid-19 pode levar mais 132 milhões de pessoas à insegurança alimentar em todo o planeta. O relatório da ONU sobre Segurança Alimentar e Nutrição no Mundo, publicado em 13 de julho de 2020, mostra que mais de 690 milhões de pessoas passam fome. É possível que a crise do Coronavírus ainda agrave a insegurança alimentar e que esse número total chegue a quase 1 bilhão. O estudo aponta também que cerca de 2 bilhões de pessoas em todo o mundo não têm acesso a uma alimentação segura e de qualidade. No Brasil, os impactos da pandemia da Covid-19 são intensificados pela crise econômica. Embora essa crise tenha raízes anteriores à pandemia, o momento é da perda de empregos, da crescente marginalização de numerosos grupos da população e da volta da fome no país. Em termos gerais, a crise econômica e sanitária no País está causando graves impactos nas comunidades e nas pessoas.

A vulnerabilidade das mulheres vem aumentando diante desses meses de isolamento e distanciamento social. A maior medida sanitária para o enfrentamento da pandemia é o isolamento social, e muitas mulheres estão isoladas com o seu agressor. Os relatos rotineiros da mídia

destacaram o aumento da violência doméstica, além do crescente trabalho de assistência não remunerada realizado por mulheres, que precisam deixar o emprego e a renda para cuidar dos filhos, dos doentes e dos idosos da família. As trabalhadoras informais urbanas enfrentam um impacto desproporcional em sua renda diária, o que expõe a elas e suas famílias à insegurança alimentar, principalmente as mulheres negras das periferias urbanas.

As mulheres agricultoras, rurais e urbanas, se desafiam para conseguir garantir comida de verdade para sua família e comunidade e o trabalho dessas mulheres é vital para a segurança alimentar, seja no campo ou na cidade. As produtoras se organizam nas suas comunidades para garantir alimentos e renda, por meio da comercialização do que produz.

Na comunidade da Palha do Arroz, no Recife, mulheres se organizam e estão produzindo seus alimentos em uma horta comunitária, que batizaram como *Horta das mulheres guerreiras da Palha do Arroz*. Vera Lúcia dos Santos, uma dessas mulheres, destaca a importância da iniciativa para a garantia de alimentos para as famílias da comunidade, como

também, para a auto estima das mulheres envolvidas na produção. “Nós aqui da Palha estamos lutando contra a depressão no isolamento, e essa horta que a gente faz é uma benção para a nossa sobrevivência, para nós mulheres aqui da Palha, mães de família, nos alimenta e nos ocupa, ocupa nossa mente nessa pandemia toda”.

As mulheres agricultoras, em particular, enfrentam o descaso do governo com o campo. Até então essas agricultoras contam com a assistência da sociedade civil organizada local, mas seguem desprotegidas e vulneráveis, em termos de política públicas. Para Carmem Silva, coordenadora da ONG SOS Corpo, as mulheres agricultoras estão mais expostas a contaminação por estarem na linha de frente da produção de alimentos e na comercialização, e sem apoio de políticas que garantam renda e condições digna de trabalho. “O governo Bolsonaro e Mourão precisa reconhecer o trabalho das mulheres agricultoras na linha de frente contra a crise, de alimentar. E deve assegurar que obtenham apoio adequado para que possam continuar cultivando alimentos acessíveis e saudáveis para suas comunidades e para abastecer também as periferias das cidades e as famílias em situação de vulnerabilidade”, afirma Carmem.



SEGURANÇA ALIMENTAR E RESPEITO AOS ECOSSISTEMAS SÃO MARCAS DAS AGROFLORESTAS

Por Elen Carvalho, comunicadora

Imagina poder produzir alimentos com excelente qualidade nutricional, respeitando os ecossistemas e com felicidade? Sim, é possível! E quem afirma isso são Lenir Ferreira Gomes Pereira e Vilmar Luiz Lermen ao contarem sobre suas experiências com o sistema agroflorestal em Pernambuco. Vilmar mora na Serra dos Paus Dóias, em Exu, e começou sua agrofloresta em 2006. Ele explica que o sistema “integra espécies de culturas anuais, desde hortaliças, plantas medicinais, forrageiras, adubadoras de solo, frutas, madeiras, tubérculos, que fazem a sucessão ecológica no tempo e no espaço”. Já a experiência de Lenir com agrofloresta começou em 1994, em Abreu e Lima, junto com o marido e com apoios externos. “Começamos a plantar muito material para a terra de modo que ela fosse recuperada. Porque, antes, a gente tinha um problema sério que não estava conseguindo colher mais nada de tão fraca que a terra já estava”, relata.

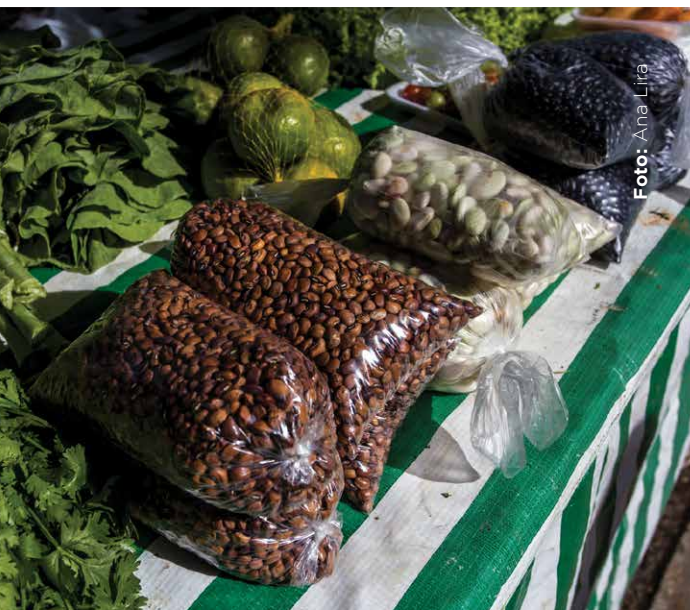
As trocas de conhecimentos e experiências foram importantes para que o agricultor e a agricultora seguissem e melhorassem seus sistemas agroflorestais. No começo, Vilmar enfrentou alguns desafios quando mudou de região. Das 600 mudas que levou, cerca de 70% morreram ao final do processo. Mas isso não fez com que a família desistisse. Eles foram em busca de outros aprendizados.

“Em função da seca de 2012 a 2017, nós chegamos no final de 2016 em um colapso econômico e produtivo, e isso fez com que, no encontro Amigos da Caatinga, duas pessoas da região de Brasília passassem uns dias aqui, fazendo umas vivências e pudemos conhecer novos jeitos de fazer”, relata.

“Qualquer ecossistema em pé vale muito mais do que desmatado”

Vilmar

A felicidade de Lenir com essa forma de produzir e viver é compartilhada espontaneamente: “Quem trabalha com a natureza, como nós agricultores de agrofloresta, tem a felicidade de acreditar que essa é a solução para o agricultor, para o mundo e para preservar a vida”. Na propriedade da agricultora tem açaí, cajá e outras frutas, que ela processa e vende na feira das Graças, no Recife. “Agora estamos retomando com as abelhas e buscando aumentar a produção”, explica. Na feira em que trabalha há 23 anos, ela vê mais do que uma fonte de renda, há o vínculo. Durante o isolamento social mais rígido, foi justamente esse carinho e confiança que fizeram com que suas vendas não



Feira é espaço de comercialização e de criação de laços

parassem. Uma cliente e amiga se disponibilizou a fazer as entregas dos produtos, que eram divulgados via WhatsApp por Lenir para seus antigos e novos compradores.

A pandemia teve impacto significativo também para Vilmar. Ele passou a receber pouquíssimas visitas na sua propriedade - em 2017 foram 3 mil pessoas durante o ano - e acumulou várias dívidas. No entanto, a segurança alimentar da sua família está garantida. “Esse foi um ano bom de chuva, permitiu que a gente produzisse bastante coisa e que, do ponto de vista da nutrição, da segurança alimentar, da soberania, é o que tem ajudado a superar essa crise, essa falta de comercialização em outros espaços”, compartilha o agricultor. A qualidade nutricional dos alimentos produzidos em seu sistema é destacada por Vilmar. “São produtos de altíssima qualidade e que respeita todos os princípios da sustentabilidade, a questão econômica, social e a biodiversidade. Então, é importante a gente tratar do Dia Mundial da Alimentação, uma vez que o Brasil voltou para o Mapa da Fome como consequência política e de alguns eventos climáticos. O agronegócio só produz commodities e não produz alimento de qualidade. Qualquer ecossistema em pé vale muito mais do que desmatado”, conclui.



APRENDIZADOS EM REDE FORTALECEM JUVENTUDES CAMPONESAS DO SEMIÁRIDO

Por Elen Carvalho, comunicadora

Produzir, comercializar, aprender e compartilhar estão na rotina das juventudes camponesas do Semiárido pernambucano. Alimentando uma tradição familiar e buscando formas de melhoria da produção nas capacitações, cursos e oficinas, os jovens camponeses Gildo José da Silva e Tatiane Faustino da Silva desenvolvem-se na agroecologia e contam um pouco das suas experiências.

Tatiane é moradora da Comunidade de Umburanas, município de Afogados da Ingazeira, Sertão do Pajeú. Ela conta que sua experiência de produção está ligada à família: “Eu atuo mais no beneficiamento da produção, que é da polpa de frutas, principalmente as frutas da época. A gente também faz o beneficiamento da farinha de milho, do fubá e, agora, do molho de pimenta e das geleias”.

Morador do Sítio Sobrado, zona rural de Jataúba, agreste central de Pernambuco, Gildo produz no sistema agroalimentar no entorno da casa, uma propriedade de menos de 1 hectare, e desenvolve várias atividades: “pomar, horta, criação de porco, galinha, cabra, ovelha e um sistema de armazenamento de água. A gente também recebia intercâmbios, antes dessa pandemia, que gerava renda para a propriedade também”.

Os coletivos e redes de trocas foram fundamentais para abrir novas perspectivas e fortalecer os jovens. É o que compartilha Tatiane: “A gente passou por um período muito difícil de seca, antes de 2010 até 2020, e não estava mais conseguindo produzir verduras. Nesse período, fomos convidados para algumas feiras e começamos a trazer alguns alimentos para comercialização. Isso se dá a partir da Comissão de Jovens Multiplicadores da Agroecologia de Pernambuco (CJMA). A gente foi pegando gosto por esse movimento de articulação em rede, tanto por gerar uma renda, e por causa também desse movimento da coletividade”.

A partir dessas articulações, Tatiane também pôde aprender formas de aproveitamento total do alimento e, assim, começar a fazer carne de jaca e caju, além das geleias. “A gente foi procurando se qualificar. Eu lembro de outros momentos em que estava em outros espaços e a gente teve oficinas com outras mulheres. Com a história dos molhos foi a mesma coisa, no processo de troca de receitas, experimentando, errando, aprendendo e trocando”, lembra.

Gildo também integra o CJMA e reforça a importância dessa experiência para as juventudes. “A gente se articula através desse coletivo com algumas oficinas. Agora



“A gente está conseguindo comercializar bem, gerar uma renda e produzir”, diz Gildo

não, por causa desse período. Mas, fazemos oficinas, capacitações e mobilizações. A gente vai buscando conhecimento, buscando se atualizar, se reinventar, capacitar ainda mais para ter autonomia nas nossas propriedades e fazer nossas coisas”, divide.

No início da pandemia, o escoamento da produção de Tatiane foi um pouco difícil, mas, logo, encontraram uma alternativa para divulgar os produtos. “Optamos pelas redes sociais. Usamos elas ao nosso favor, pelo projeto de vida que a gente acredita, para comercialização de uma produção livre de agrotóxico, que está em defesa do ecossistema. A gente começou a divulgar nossos produtos, fazemos fotos e lista do que temos na semana para os clientes”, explica.

Gildo também comemora a comercialização da sua produção. “Dobrou o número de vendas. A gente produz alface, coentro, cebolinha, couve, tomate entre outras coisas. Vendemos na comunidade durante a semana e entregamos na cidade toda quinta-feira. Mandamos a lista pelo WhatsApp para as pessoas, elas escolhem e a gente leva esses alimentos até elas. Essa produção a gente se alimenta primeiro e vende o excedente. A gente está conseguindo comercializar bem, gerar uma renda e produzir”, finaliza.



O jornal Dois Dedos de Prosa também está disponível para leitura na versão mobile. Baixe agora em nosso site: www.centrosabia.org.br

Nossas redes sociais:



/centrosabia



/centrosabia



/centrosabia



flickr.com/centrosabia



/centrosabia